

Migrações, memória e azulejos Bordallo no Verão da Gulbenkian

Praneet Soi, Aimée Zito Lema e Joaquim Sapinho são os convidados do Museu Gulbenkian para os próximos meses. Exploram a própria colecção da fundação, mas também Lisboa, Índia ou o 25 de Abril

Arte contemporânea
Joana Amaral Cardoso

Este Verão, a Gulbenkian faz-se à estrada sem sair do mesmo sítio. A viagem começa já hoje numa sala escura, com a primeira das três novas exposições da fundação. A directora do Museu Gulbenkian, Penelope Curtis, convidou o artista indiano Praneet Soi para uma residência em Lisboa e, um ano depois, Soi “tornou-se quase parte da mobília”. Este é um trajecto entre Caxemira, Lisboa e as Caldas da Rainha dos azulejos Bordallo Pinheiro, mas também uma ida à Colecção Gulbenkian.

No cruzamento entre a Rua do Benfornoso, na Mouraria lisboeta, e a arquitectura da cidade indiana de Srinagar: aí se encontra o trabalho de Praneet Soi. Ou no rosto do operário da Bordallo que o artista quis sobrepor aos azulejos reproduzidos pela fábrica portuguesa a partir do padrão daqueles que revestem o túmulo de Miran Zain, a mãe do oitavo sultão de Caxemira.

Curtis conheceu o trabalho de Praneet Soi na Frieze Art Fair de Londres em 2015 e o próprio artista em 2016. Convidou-o a vir trabalhar os caminhos cruzados entre Lisboa, a colecção do fundador, Calouste Gulbenkian, e o interesse do artista por azulejos, essa fonte de repetições e sequências. “Uma enorme quantidade de peças da Colecção Gulbenkian tem como base os padrões, e queria encontrar um artista contemporâneo interessado nos padrões, na artesanaria e em como usar tudo isso de uma forma contemporânea”, explicou a directora na visita que ontem apresentou à imprensa a exposição que até 1 de Outubro ocupará o piso inferior do museu.

Tendo por base as artes manuais, as três instalações que compõem *Praneet Soi. Terceira Fábrica. De Caxemira a Lisboa, via Caldas* “pensam sobre elas e o que elas significam”, acrescenta Penelope Curtis, revelando que o artista, que tem a viagem e a descoberta como chamamento e ferramenta, trabalhou com quase todos os curadores



O trabalho artesanal é um dos focos de interesse de Praneet Soi, o artista indiano cujas instalações ocupam o piso inferior da Gulbenkian

da fundação, explorou os seus recantos, observou. Ao longo de um ano, descobriu Lisboa, ouviu as línguas do seu país na Mouraria. E assim chegou às instalações que dominam a sala: peças arquitectónicas revestidas a azulejos não-vidrados onde se projectam imagens que o próprio captou na Bordallo ou no rendilhado da Mouraria.

“Como artistas, muitas vezes temos uma prática solitária, no estúdio. Movimentos destes ajudam-me a entrar em contacto com o mundo e com situações que de outra forma não conheceria – estar numa fábrica é ver relações humanas, como as pessoas trabalham com máquinas, como isso afecta os produtos postos depois no mundo”, diz ao PÚBLI-

CO na penumbra propositada da sua sala. As “três estruturas quase funcionam como cenários e ao mesmo tempo são ecrãs”, atenta o curador João Carvalho Dias.

Todas contêm elementos que recolheu da Colecção Gulbenkian: um tapete Kum Tapi (do final do século XIX, início do século XX) e um jarro de jade (século XVI) que pertenceu ao monarca que governou Caxemira. Foi este que “começou a fazer a conversa”, a mistura, entre os pólos da mostra, diz Carvalho Dias. Até o edifício da Fundação Champalimaud, projectado por Charles Correa (1930-2015), de origem indiana – e que Soi procurou como alternativa às imagens mais comuns da relação Portugal-Índia corporizadas pela ar-

quitectura religiosa de Goa –, é citado nas projecções.

Na construção do espaço e das peças, que num dos casos incluem texto muito pessoal, em registo de diário, o artista “estava muito ciente do espectador e queria muito que ele não ficasse barricado pelo [uso do] jargão técnico, mas seduzido pelas imagens”, para que “o espaço se tornasse um ambiente”. Entre três peças desenham-se muitas rotas no escuro. “Espero que abra um espaço mental para que as pessoas pensem noutras coisas”, diz Praneet Soi.

O museu como fábrica

João Carvalho Dias chama a atenção para o facto de o artesão ser uma preocupação central para o artis-

ta convidado da Gulbenkian. “Os artesãos são personagens muitas vezes anónimas cujo trabalho é migrante – e esse é um dos aspectos presentes no trabalho, [que evoca] não só a forma como os objectos são construídos e pensados, mas também a forma como as próprias pessoas se deslocam e transportam em si conhecimento, técnicas, conceitos e experiências”, completa o curador.

Um dos pontos de partida da obra de Praneet Soi é Caxemira, onde passou muito tempo, observando, criando. “O meu principal motivo para ir foi o interesse no facto de ser uma região fronteiriça problemática, com o movimento separatista. Comecei a ir lá curioso sobre as fron-



“Estamos a voltar às fronteiras, toda a gente quer a sua, mas a história mostra que foi uma polinização cruzada que criou a cultura

Praneet Soi
Artista

teiras do meu país. Sou de Calcutá, uma cidade indiana muito *mainstream*, e nunca tinha ido tão a norte. Saí da minha zona de conforto, tinha de renegociar, recalibrar. Lá, a Índia é muito longe”, recorda, explicando que a população se identifica mais com os países da Ásia Central.

O que dá isto a um artista, aonde o leva? “Estes movimentos dão-nos uma compreensão diferente da vida. Aquela parte do mundo interessa-me pela política, mas também pela sua tradição de migrações. Hoje estamos a voltar às fronteiras, toda a gente quer a sua, mas se olharmos para a história veremos que as pessoas sempre se moveram e atravessaram fronteiras e cruzaram referências; foi uma poliniza-

ção cruzada que criou a cultura.”

David Maranha compôs a camada sonora que envolve a sala, com, por exemplo, sons da fábrica da Bordallo. É uma espécie de súpula da ideia titular da exposição – chama-se *Terceira Fábrica* porque, além das Caldas e das estruturas que Praneet Soi tão bem conhece em Caxemira, também a galeria pode ser pensada “como um espaço de produção”, diz. Para o artista, “o museu funciona também como uma fábrica, um sítio onde se geram ideias, fabricam coisas; não é um lugar inerte”, resume João Carvalho Dias.

A construção da memória

Da *Terceira Fábrica* rumo-se à morada da Colecção Moderna da Gul-

benkian para ir ao encontro de *13 Shots*, de Aimée Zito Lema, que terá a sua inauguração no dia 29. A artista de origem argentina, mas nascida na Holanda, filha de um refugiado político, trabalhou o tema da memória e da construção da história e das histórias numa residência em Lisboa que a levou a colaborar com o Grupo do Teatro do Oprimido e a explorar os arquivos do ACARTE, o antigo Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte da Fundação Gulbenkian. Pelo meio ficou a Sala Polivalente, o espaço onde trabalhou com o grupo, e todos os espectáculos que lá se realizaram no passado. Nas paredes estão fotografias desses processos de passado e presente que ali foram tratados pe-

los membros do colectivo. “As suas vozes falam da história do 25 de Abril, contando o que sabem, como são influenciados por ela”, explicou a artista aos jornalistas, explicitando um processo que quis iluminar “como sabemos as coisas e nos lembramos delas, especialmente na história transgeracional”.

Na origem desta mostra que preenche uma galeria com projecções vídeo, imagens, *charriots*, luzes de biblioteca e fotografia, está um projecto internacional reunindo universidades e museus de arte contemporânea, coordenado pela Universidade Católica de Lisboa e financiado pelo programa Europa Criativa, que explora os temas do conflito e convivialidade. Ana

Cachola, que com Luísa Santos e Daniela Agostinho é curadora da mostra e estendeu o convite a Zito Lema, analisa como *13 Shots* “trabalha a memória diferenciada do 25 de Abril” e “a investigação da memória do ACARTE, o espaço de *performance* e a *performance* da própria revolução, a performatividade da história e do teatro e da dança”.

Completando o programa de Verão da fundação, o realizador Joaquim Sapinho inaugura a 20 de Julho uma exposição com peças que escolheu a partir da Colecção do Fundador, e que espalhará ao longo de um percurso pelo museu organizado segundo vários temas.

jcardoso@publico.pt